



N. 5-59

Coordenador — Major AMERINO RAPOSO FILHO,
Instrutor da ECEME

SUMÁRIO

I — BASES FILOSÓFICAS

1. PERSEGUIÇÃO X CÉRCO

Maj Amerino Raposo Filho

2. DOCTRINA MILITAR E ESTRATÉGIA SOVIÉTICA

Ten-Cel Carlos de Meira Mattos

II — ORGANIZAÇÃO E REGULAMENTOS

A DOCTRINA E OS REGULAMENTOS NACIONAIS ARGENTINOS

Maj Juan C. Cuaranta — República Argentina — 1940



TEORIA DE GUERRA

Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenômeno por excelência social, que é a Guerra.

A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.

DOUTRINA DE GUERRA

Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos, mostra-nos desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo então, sómente aplicável àquele país e numa determinada época.

Sendo a Guerra um fenômeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.

REGULAMENTO

Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.

Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.

I — BASES FILOSÓFICAS

1 — PERSEGUIÇÃO X CÊRCO

Major AMERINO RAPOSO FILHO

Instrutor da ECEME

- “Na perseguição, quanto maior a precaução, maior o perigo”. VEGETIUS, em “Instituições Militares dos Romanos”.
- “A teoria da guerra se limita a pedir que, enquanto persistir a idéia de aniquilar o inimigo, marchemos contra ele sem trégua e sem descanso”. CLAUSEWITZ, em “Da Guerra”.
- Devemos considerar nas manobras ofensivas, apenas a perseguição ao inimigo batido no choque inicial como o ato mais importante com vistas à sua destruição, ao seu aniquilamento? Ou, ao contrário, dever-se-á levar em conta outra manobra, igualmente importante, e que se traduzira no cêrco às forças batidas?

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1^a Parte — Perseguição

- Cap. I — Conceituação e Amplitude
- Cap. II — Evolução do Conceito

2^a Parte — Cêrco

- Cap. III — Conceituação e Amplitude
- Cap. IV — Evolução do Conceito

3^a Parte — Conclusão

- Cap. V — Perseguição e Cêrco

INTRODUÇÃO

1 — Perseguição tem sido um término largamente empregado na Arte da Guerra, desde os tempos mais remotos, numa acepção perfeitamente caracterizada e visando, normalmente, ao aniquilamento das forças adversárias batidas na batalha principal. Sua configuração no quadro das fases operacionais de uma manobra ofensiva, tem sido inequívoca, insofismável,

por isso que aí realmente aparecem definidos o significado, a amplitude, as forças envolvidas, e, principalmente, a finalidade conceptual de tal operação. Nota-se, mesmo, a tendência para aflorar a Perseguição com maior incidência nas manobras centrais, de ruptura, e, no caso da manobra de flanco, sobretudo no envolvimento. Enquanto que, em outros tipos de manobra, como é o caso do desbordamento, por exemplo, não se destaca a perseguição como ato final da operação desencadeada. Pode-se, mesmo, afirmar que não há perseguição, ainda que o grupamento principal adversário seja destruído.

Mas não é só isso. Entendem uns que a perseguição às forças inimigas é o fim a que tendem as operações ofensivas, para culminar na sua destruição, atuando os grupamentos de cércio, simplesmente como elemento subsidiário. Outros, pensam justamente o contrário, isto é, a perseguição é um meio, visando ao propósito fundamental, que é o cércio à massa principal adversária.

2 — Por outro lado, o Cércio igualmente existe, até na antiguidade remota, quando as forças nem ainda se chamavam Exércitos. Em que pese o conceito sempre presente de isolamento de um determinado grupamento operacional, contudo têm variado, através da história militar, sua importância, sua amplitude e sua prioridade na composição estrutural das manobras, visando à sua finalidade suprema. E tôda vez que a concepção da guerra desvia-se de sua idéia principal, o aniquilamento das forças adversárias — características particulares da idade média e, em parte, do meado dos tempos modernos, decorrência sobretudo do estágio das instituições político-sociais das diversas comunidades nacionais, fazendo que as campanhas objetivassem a posse de objetivos geográficos — então avultava o cércio em meio aos demais tipos de operações. Apelava-se, como ainda modernamente ocorre quando se busca cercar a massa inimiga, ou seus diferentes grupamentos, para as manobras de flanco. A manobra de ruptura sempre atuando como propiciadora de condições para o enjaulamento do adversário e consequente destruição.

3 — Do período napoleônico aos nossos dias, mas principalmente durante a 2^a Grande Guerra, o que se observa é uma ênfase igualmente expressiva da Perseguição e do Cércio, no quadro da manobra ofensiva, Estratégica ou Tática, surgindo muita vez dúvidas e, até incoerências quanto ao verdadeiro sentido de cada uma dessas operações. Se a Perseguição constitui um tipo de operação que, tendo início no aproveitamento de êxito, visa atender à finalidade da manobra, o Cércio, por outro lado, de tal forma tornou-se relevante, que configura até um tipo especial de manobra. Resulta daí a necessidade de bem caracterizar ambos os conceitos, reexaminando alguns aspectos doutrinários, com vistas à inserção do Cércio em nossos manuais, para preenchimento duma lacuna, pois temos em nossa própria experiência de guerra, exemplos de operações de cércio.

Será que apenas pela Perseguição, como entendemos, chegar-se-á à destruição das forças inimigas batidas na batalha decisiva, ou, ao contrário, operações existem onde o mesmo objetivo é alcançado por intermédio do Cércio? É exatamente o que pretendemos demonstrar, ao final desse despretensioso estudo, feito sob forma de síntese.

1^a PARTE*Cap. I — Conceituação e Amplitude**Cap. II — Evolução do Conceito*

CAPÍTULO I

SUMÁRIO

- 1 — Quadro da Manobra Ofensiva
- 2 — Conceituação da Perseguição
- 3 — Doutrina Ocidental e Soviética
- 4 — Exemplos da 2^a Grande Guerra
- 5 — Conclusões Parciais

1. QUADRO DA MANOBRA OFENSIVA

a. Para compreendermos a significação atual da *Perseguição*, torna-se necessário caracterizar, ainda que de modo sumário, o quadro em que se desenvolvem as operações ofensivas, por isso que o aniquilamento das forças adversárias é seu ponto culminante. Há que fazer, pois, ligeira referência às *Manobras Ofensivas*, assim como incursionar muito rapidamente pelos domínios das Operações Ofensivas, apresentando seus Tipos. Quase que será uma citação em alguns trechos.

b. A *Manobra Ofensiva*, em suas Formas Gerais, apresenta-se como capitulada nos dois casos seguintes:

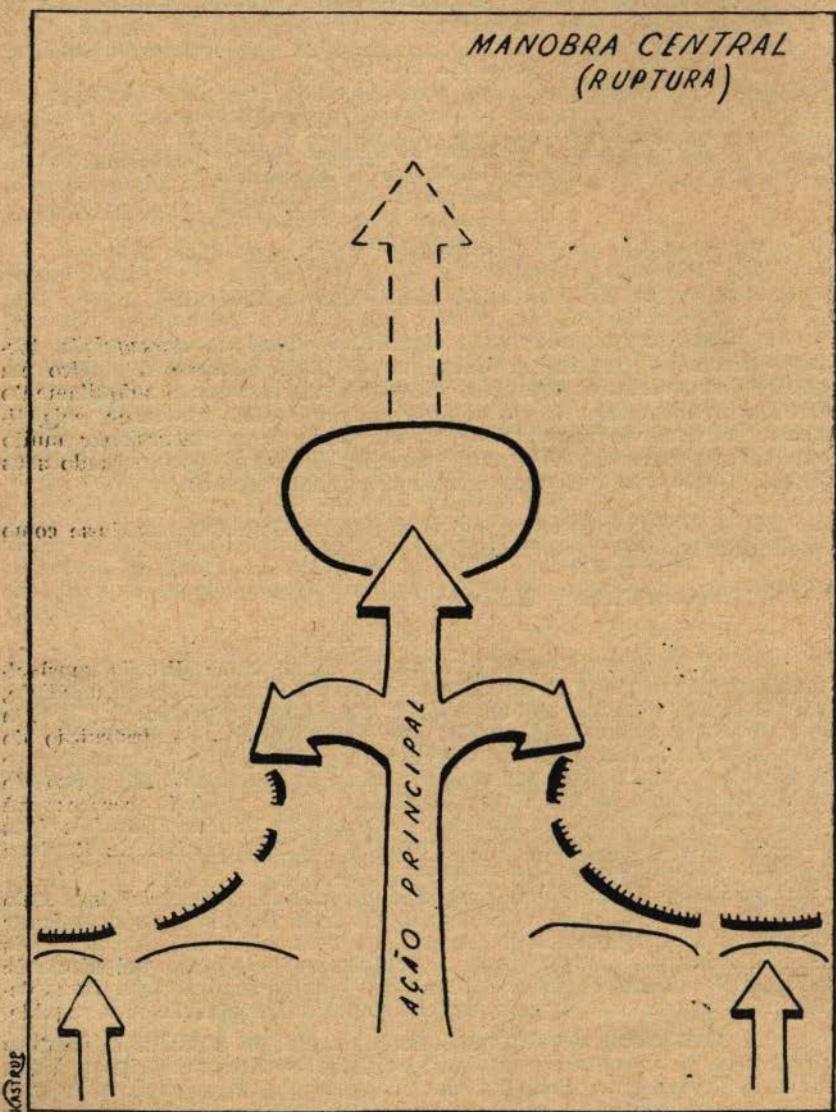
— Manobra Central (Esbóço n. 1).

— Manobra de Flanco ou de Ala (Esbóço n. 2).

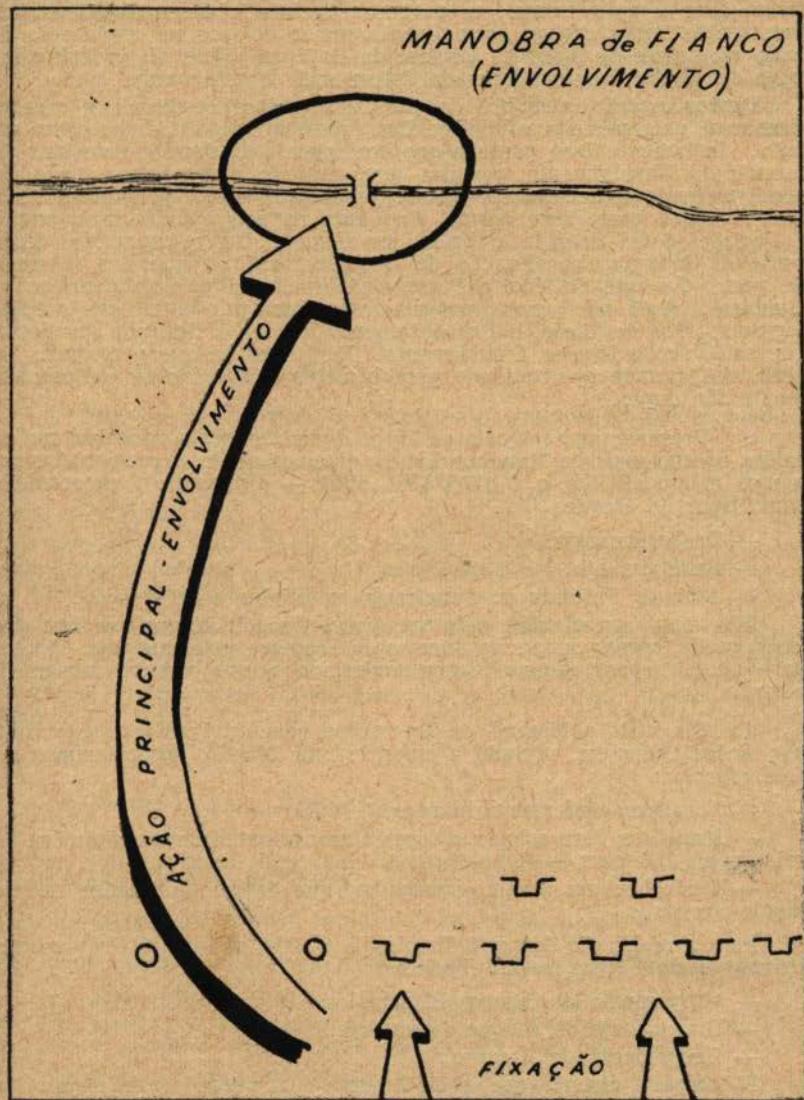
(1) A *Manobra Central* consiste em atuar numa direção sensivelmente perpendicular à frente adversária, visando a derrotar, de imediato, não a massa principal do adversário, mas seus grupamentos. E é o sucesso dessa maneira de operar, que vai possibilitar a destruição do inimigo, pela Perseguição aos grupamentos em Retirada. Caracteriza-se a Manobra Central por apresentar o eixo de gravidade da massa de manobra paralelo ao das forças oponentes. Como é óbvio, recorre-se à Manobra Central, quando o inimigo não apresentar flancos. Dos dois tipos existentes interessa-nos, particularmente, a manobra central de Ruptura ou Ação Frontal, isto é, a Penetração.

Consiste a *Ruptura* em romper o dispositivo adversário, por meio de ações poderosas, com a finalidade de criar flancos e poder rebater sobre eles os grupamentos de forças. E é após a *Ruptura*, isto é, depois de realizadas as duas partes que a conformam — *ruptura* propriamente dita e ação divergente sobre os flancos — que se segue a fase da exploração do sucesso inicial, para ter cabimento a *Perseguição*, em seguida.

(2) A *Manobra de Flanco* consiste, sempre, na combinação de duas ações principais: uma frontal, outra, visando ao flanco inimigo e à sua linha de transportes. Estimula, de modo geral, a *Perseguição* pelo grupamento que executa a ação secundária, de fixação inicial, em virtude de obrigar o inimigo a retirar-se, quando caracterizar-se a ameaça no seu flanco e retaguarda. Portanto, a *Manobra de Flanco* contribui para a execução de duas operações igualmente importantes: a *Perseguição* e o *Cêrco*, este último realizável diretamente pela força envolvente e, indiretamente, com relação ao grupamento inimigo que faz face à ação secundária, se não empreender a retirada.



ESBOÇO N. 1



ESBOÇO N. 2

Segundo o grau de interdependência das ações na Batalha ou no Combate, teremos as seguintes variações para a Manobra de Flanco:

Envolvimento, onde o grosso das fôrças é aplicado na ação de flanco. É o que mais estimula a Retirada dos grupamentos adversários que fazem face à ação frontal, e, portanto, facilita o desencadeamento da Perseguição, num espaço normalmente maior do que na exploração do êxito resultante de Manobra Central de Ruptura. Que, aí, poderá o inimigo ser acolhido numa linha de defesa mais à retaguarda.

Desbordamento, manobra de amplitude menos acentuada e caracterizando-se pela perfeita soldadura das ações, agindo as fôrças como um todo. Justamente esse ponto é que configura o Desbordamento bem diferente do Envolvimento, por isso que, naquele a manobra é mais flexível, podendo a Decisão ser obtida, em alguns casos, pelo grupamento que realiza a parte secundária. Enquanto na ação de ala mais ampla, a Decisão já foi firmada, *a priori*, no flanco. Um outro ponto, decorrente da própria conceituação de Desbordamento e que nos interessa de perto, é o que diz com a Perseguição realizada pelo grupamento secundário. Aqui não existe, propriamente Perseguição, na sua acepção legítima. Por definição, o Desbordamento impede a Retirada das fôrças que estão sendo fixadas, frontalmente. Logo, não há que perseguir. Haverá, sim, grande oportunidade para o Cérco, sobretudo se o Desbordamento for duplo.

c) Vejamos, agora, quais os Tipos duma Operação Ofensiva nos escaleões operacionais da Manobra Tática, digamos assim, e consignados nos nossos manuais. Em o C-100-5 (Ed. 1957 — Provisório), encontramos como tipos de ataque:

- Desbordamento.
- Envolvimento.
- Ataques Frontais de Penetração, múltiplos e de fixação.

Não vamos caracterizar cada um desses tipos de ataque, por isso que, em verdade, correspondem às Formas da Manobra já assinaladas. Apenas aqui citamos para melhor compreendermos o que vai ser assinalado adiante.

d. Diz mais o Manual de Operações que, as Tarefas que existem nas Ações Ofensivas, visando a cumprir uma Missão, apresentam-se sob três aspectos:

- Localizar e aferrar o inimigo;
- Manobrar para colocar a fôrça atacante em situação vantajosa em relação ao defensor;
- Desfechar um ataque esmagador, que destrua o inimigo no momento decisivo.

Para a realização dessas 3 Tarefas, o C-100-5 assinala 3 Grupamentos Principais de Fôrças, assim chamados:

- Grupamento do Ataque Principal;
- Grupamento do Ataque Secundário;
- Grupamento da Reserva.

E completa dizendo que, o da Reserva é empregado para Aproveitar o Êxito.

Já a esta altura, vamos compreendendo que, pelos conceitos doutrinários acima expedidos, é no Tipo de Ataque Frontal de Penetração que vai haver maior oportunidade para a Perseguição, que vai constituir a última tarefa de uma Ação Ofensiva. Ainda mais, o Grupamento da Reserva, dentre os três principais, é o encarregado de destruir o inimigo, isto é, perseguí-lo.

2. CONCEITUAÇÃO DA PERSEGUIÇÃO

a. Estamos, agora, em condições de fixar os pontos essenciais da Perseguição no quadro das Operações Ofensivas, segundo a conceituação doutrinária atual.

A Perseguição, "procura o aniquilamento da força principal do inimigo" e tem lugar "na fase do aproveitamento do êxito". Além dessas idéias, convém fixar ainda alguns pontos retirados do C-100-5 para melhor compreensão do estudo comparativo que objetivamos realizar. Tais aspectos poderão ser alinhados como se segue:

— "As operações de perseguição são uma forma de guerra de movimento".

— "Na perseguição, o inimigo perdeu sua capacidade de influenciar a situação, reagindo em função das ações dos perseguidores".

— "A perseguição é conduzida agressivamente e de forma descentralizada".

A essa altura estamos sentindo que:

— O conceito de Perseguição exige que o inimigo já venha sendo batido e esteja tentando a fuga;

— Envolve duas considerações: inimigo sem capacidade de apresentar reação e grande iniciativa para a força que pressiona os grupos adversários;

— Finalmente, das 3 fases da Ofensiva — Preliminares, Ataque e Aproveitamento do Êxito — é a Perseguição pertencente à última ou, pelo menos, nela tendo início.

b. Entendida que foi a Perseguição como tipo de operação e compreendida sua finalidade operacional, vejamos como é ela conduzida, que esse aspecto merece destaque. Consoante o Manual de Operações, "a perseguição é levada até o último limite de resistência das tropas e equipamento".

Ainda mais:

— "É conduzida numa frente tão larga quanto possível".

— "A pressão direta sobre as forças que se retiram é mantida, impecavelmente, enquanto uma força de desbordamento ou envolvimento corta as linhas de retirada do inimigo".

— "O avanço na direção decisiva deve ser mantido".

Evidentemente que tais idéias comportam algumas conclusões, como:

— A preocupação máxima na Perseguição é a destruição dos grupos inimigos e a pressão deve ser tal, que influencie o moral adversário, a ponto de incutir-lhe o pânico, sob todas as formas.

— Existem, realmente, dois conjuntos de forças atuando nessa fase: um realizando a pressão direta e, outro, visando ao flanco e à retaguarda.

— Então, partindo do eixo de gravidade das forças que realizam a perseguição, saem grupamentos secundários tentando o desbordamento, simples ou duplo, toda vez que for possível. Mas, é preciso que se note que "as retaguardas inimigas ou as forças de cobertura do flanco da posição adversária, não devem atrair a força principal atacante, de modo que ela deixe de atuar na direção decisiva".

— Donde, procura-se durante a perseguição cortar a retirada dos grupamentos inimigos pelas chamadas Fôrças de Cêrco. O grupamento que se mantém na direção decisiva denomina-se Fôrça de Pressão Direta.

Portanto, enquanto a Fôrça de Pressão Direta "evita o rompimento do combate", sob qualquer pretexto, a Fôrça de Cêrco tem a missão de "atingir a retaguarda do inimigo derrotado e bloquear-lhe a retirada, de modo que ele possa ser destruído entre ela e a fôrça de pressão direta".

Eis como entende, pois, nosso manual de operações o Cêrco: elemento subsidiário, dependente e secundário no quadro da Perseguição. O fundamental é, realmente, a pressão direta, frontal; é a direção decisiva, o eixo de gravidade do Aproveitamento do Êxito. A manobra de cérco é, então, um meio, uma modalidade de ação, objetivando ao principal da perseguição, que é a pressão direta.

Por outro lado, aparece a Perseguição perfeitamente enquadrada na fase do Aproveitamento do Êxito; é parte integrante dessa operação. Pelo menos assim parece a quem se limite à leitura de algumas afirmativas dos manuais doutrinários. Deixemos, propositalmente, em suspenso, tais conceitos, que a elas certamente voltaremos, após a análise filosófica da Perseguição e do Cêrco na Manobra Ofensiva, acompanhando, inclusive, a evolução histórica de cada uma dessas operações.

3. TRATAMENTO PELAS DOUTRINAS OCIDENTAL E SOVIÉTICA

a. Tivemos a oportunidade de fixar, há pouco, o ponto de vista doutrinário do nosso Exército — consubstanciado no Manual de Operações — a respeito da Perseguição e sua conduta operacional. É esse, de resto, o pensamento do Exército Norte-Americano, que caracteriza a Perseguição no quadro do Aproveitamento do Êxito, como um tipo de operação onde o Cêrco aparece como um de seus elementos integrantes.

De modo geral assim entendem os Exércitos das principais Nações do Mundo Ocidental: a Perseguição consubstancia a parte decisiva das Operações Ofensivas. É seu ato culminante, visando ao aniquilamento das fôrças inimigas, derrotadas na batalha inicial. O Cêrco surge como um meio, um artifício da guerra de movimento desenvolvido durante a Perseguição. Existe a manobra de Cêrco, não há dúvida, mas dependente, subsidiária da manobra direta, frontal. O fundamental na Perseguição é a pressão direta, não o Cêrco.

Fixemos nossa atenção, por mais algum tempo, para a interpretação contida em outros documentos de relêvo, a respeito da inteligência da Perseguição.

O BRITISH MILITARY TERMINOLOGY, edição da 2^a Grande Guerra, de maio de 1945, dispensa o seguinte tratamento a essas idéias:

— Perseguição é uma operação ofensiva executada contra um inimigo em retirada, com a finalidade de completar seu aniquilamento.

— Exploração do Êxito é o ato que consiste em completar o sucesso de um ataque, isto é, uma ação agressiva que prossegue depois de um objetivo ter sido conquistado, a fim de impedir que o inimigo reconstitua sua defesa numa posição à retaguarda.

— Fôrça de Cêrco é uma fôrça que se lança nos flancos hostis ou através dêles, a fim de alcançar as linhas de retirada das colunas inimigas, impedindo sua fuga.

Anàlogamente THE NEW MILITARY AND NAVAL DICTIONARY, edição norte-americana de após guerra, precisamente 1951, assim se expressa:

— Perseguição é o ato de pressionar uma fôrça em retirada, não permitindo seu desengajamento.

— Manobra de Cêrco é um movimento no qual uma força se desloca pelo flanco adversário e ameaça sua retaguarda.

Já a GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, de LISBOA — RIO DE JANEIRO, ao conceituar a Perseguição o faz apresentando duas formas: a Estratégica e a Tática. Ainda mais: conceitua — e isso não encontramos nos documentos acima citados — o Envolvimento gerando Cêrco, vislumbrando a idéia da manobra de Cêrco, independente da Perseguição. Mas esse ponto será ressaltado quando estudarmos o Cêrco.

Eis as definições das duas formas de Perseguição:

— Perseguição Estratégica, operação realizada por elementos mais rápidos, aviação, motorizados ou cavalaria, com artilharia, a fim de averiguar a direção das forças em retirada e informar o comando sobre a forma como se faz a retirada, o recurso de que dispõem aquelas forças e as possibilidades de operações que levam ao seu cêrco, dispersão ou aniquilamento.

— Perseguição Tática, operação realizada pelas tropas de infantaria, artilharia, motorizados ou não, com apoio da aviação e da cavalaria, para, em seguida a um ataque bem sucedido, aumentar a desordem nas colunas batidas, infligindo-lhes novas baixas, impedindo sua reorganização, a ocupação de posição de resistência e os retornos ofensivos, mantendo ligação permanente com o comando para fornecer-lhe todas as informações sobre o inimigo.

b. E a doutrina militar soviética, também entende a Perseguição de maneira idêntica a dos Exércitos Ocidentais? O Cêrco é dêle dependente ou, ao contrário, aparece como operação relevante e destacada da fase do Aproveitamento do Exito?

Fixemos, por ora, os conceitos pertinentes à Perseguição. Antes, queremos alertar o leitor para um ponto: não vamos apresentar, agora — como fizemos no inicio do capítulo — o Quadro de Manobra Ofensiva, considerado na doutrina dos russos. E isso porque tal caracterização vai interessar, neste caso, muito mais ao Cêrco. Portanto, quando estudarmos o capítulo relativo às operações visando ao envolvimento e ao cêrco, aí apresentaremos um esboço dessas idéias.

Passemos, então, à Perseguição. Entendem os russos que:

— A Perseguição é um meio, visando ao Cêrco, exigindo plena iniciativa dos diferentes comandantes que a realizam.

— Só termina com o aniquilamento completo do inimigo e é tão importante essa consideração, que só o Alto Comando poderá fazer cessar a perseguição.

— A Perseguição “deverá ser organizada logo após a ruptura e levada a efeito com o máximo de intensidade para chegar-se à destruição”, pois não se deve dar ao inimigo derrotado na 1^a fase do combate, a oportunidade de reorganizar-se em outra posição; e aí apresentar nova linha de defesa.

— “Se o sucesso é obtido, deve-se desenvolvê-lo rapidamente e perseguir o inimigo sem cessar, sobrepondo-se a qualquer obstáculo”. Tenente-Coronel ZLOBIN).

— O ritmo da Perseguição deve ser altamente acelerado, utilizando-se ao máximo os meios motorizados e blindados.

— Com relação aos tipos de Perseguição, há que destacar: frontal ou direta e paralela.

— Como perseguição frontal admite-se a força que pressiona o inimigo que se retira para cercá-lo e, depois, aniquilá-lo. Visa à posse de objetivos que invalidem a organização de nova linha de defesa.

— Já na Perseguição paralela os grupamentos seguem por um ou ambos os flancos do inimigo, sendo de esperar maior êxito na destruição.

Assim foi resumida a idéia doutrinária dos russos a respeito da Perseguição; diferente, não há dúvida, de como a compreendemos. O principal é o Cérco durante a pressão direta, que aparece apenso como um meio. Podemos ir além e pensarmos que tanto a Perseguição como o Cérco aparecem com relêvo na fase que visa ao aniquilamento do inimigo; não igualmente importantes, se não quizermos destacar o Cérco como essencial. Um outro ponto que não se percebe na doutrina russa, é o relativo ao inicio da Perseguição na fase do Aproveitamento do Exito. Pelo menos, não existem referências claramente expostas a tal respeito.

4. EXEMPLOS DE PERSEGUÍÇÃO DA 2^a GRANDE GUERRA

a. Fixaremos a seguir alguns exemplos colhidos da 2^a Grande Guerra nos três principais TO, a fim de que tenhamos oportunidade de configurar a Perseguição no quadro da manobra ofensiva, assim como caracterizar, ainda que perfuntoriamente, sua mecânica operacional. As operações pinçadas não o foram ao acaso; procuramos apreciar batalhas onde se destaca a Perseguição como planejamento e como conduta, no quadro do CEx, do Ex e do GEx. Pareceu-nos que, sobretudo do lado norte-americano, a Batalha de ST. LO e a Manobra de AVRANCHES, ensejam oportunidade para situarmos a Perseguição no seu justo lugar de destaque na Ofensiva. Por outro lado, os aspectos mais ligados ao emprêgo da massa de manobra, em perseguição às forças adversárias, batidas na manobra central de ruptura, afloram plenamente quando consideramos EL ALAMEIN e BOBRUISK, respectivamente, na ÁFRICA DO NORTE e na RÚSSIA.

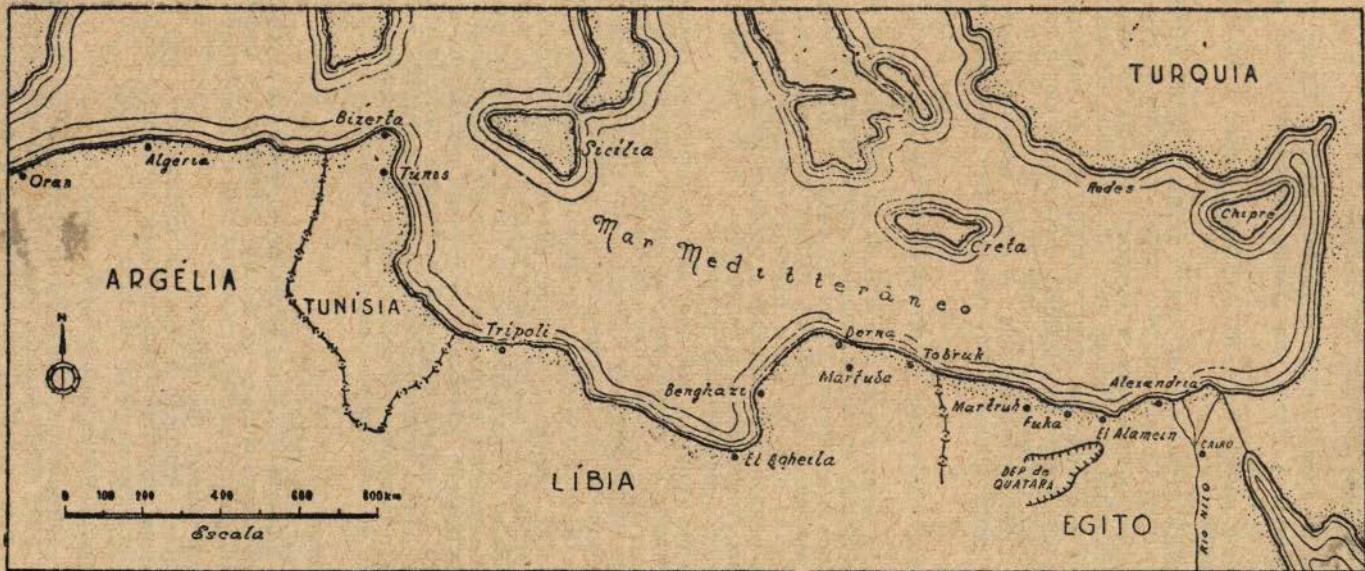
b. Batalha de EL ALAMEIN :

(1) Situação Geral (Esbôco n. 3):

Desde junho de 1942 que os VIII Ex Britânico (Marechal MONTGOMERY) e AFRIKA KORPS (Marechal ROMMEL) defrontavam-se numa situação de frente estabilizada na região de EL ALAMEIN (Esbôco n. 3), desdobrando-se os britânicos nas vizinhanças dessa cidade, numa faixa limitada ao S pela Depressão de QUATARA e, ao N, pelo MEDITERRÂNEO; enquanto que os alemães se apresentavam a W, de vez que não tinham conseguido ir além na tentativa de pressionar os aliados para E.

Em consequência, organizaram-se posições defensivas e tudo foi reestruturado, de ambos os lados, durante o mês de agosto, promovendo os contendores aumento de efetivos em pessoal e realizando, por outro lado, grande concentração de suprimentos, principalmente na parte do VIII Ex. A despeito do ataque desferido por ROMMEL, a 30 de agosto, nada de positivo obtiveram os alemães no sentido de retomar sua ofensiva para E.

Repelidos os alemães, prosseguiram os britânicos nos preparativos tendo em vista a ofensiva que pretendiam desencadear em outubro, contando para isso com novos meios recentemente desembarcados na ÁFRICA, totalizando, então, 177.000 homens, 1.000 carros de combate, 900 canhões, 1.500 canhões anticarro, além de considerável apoio aéreo. Para fazer face a tais meios o Eixo apresentava 93.000 homens, 500 carros de combate e 1.400 peças de artilharia (inclusive anticarro).



ESBOÇO N. 3 — NORTE DA ÁFRICA

Consistia o Plano Britânico em (Esbôço n. 4):

- realizar um ataque central, de ruptura, no setor N, com o 30º CEx;
- no restante da frente, um ataque secundário, a ser conduzido pelo 13º CEx;
- rompida a posição do AFRIKA KORPS, lançar o 10º CEx Bld na perseguição.

Estava, pois, coerente o plano com a missão de MONTGOMERY, que visava a destruir os alemães ou, pelo menos, varrê-los do solo africano.

As fôrças italo-alemãs, que se opunham ao VIII Ex consistiam de três DI alemães, cinco DI italianas, duas Div Pz e duas DB italianas.

A manobra concebida por MONTGOMERY foi de ruptura, em vista de estarem os dois flancos de ROMMEL apoiados, no mar e na depressão de EL QUATARA, donde a necessidade de criar "um flanco", para lançamento das fôrças em perseguição. A região escolhida para a ruptura foi ao N da frente defensiva dos alemães, onde justamente eram elas mais fortes.

(2) Ruptura da Posição e Aproveitamento do Exito:

O ataque foi desencadeado pelo VIII Ex na noite de 23/24 outubro de modo violento, depois de obtida completa superioridade aérea, por meio de intensificados bombardeios, desde 18 outubro, sobre as linhas de transporte à retaguarda do AFRIKA KORPS e os portos, até TOBRUK e BENGHAZI. Às 0530 de 24, a penetração era de aproximadamente 5 km, estando praticamente submersa a primeira faixa do sistema defensivo. Já ao amanhecer de 25, a penetração ia a 10 km. Na jornada de 26 o Ex abordou a segunda faixa defensiva.

A progressão continua, até que, a 1 de novembro estava perfeitamente caracterizada a ruptura, por isso que os elementos de 1º escalão atingiam regiões onde a defesa não estava mais organizada. Diante desse quadro, decide MONTGOMERY lançar o 10º CEx Bld, reforçado pela 7ª DB já reagrupada, indo inicialmente a 2ª DI Mtz/Nz com elementos das 50ª e 51ª DI, para preparar o lançamento das três DB inglesas.

Na manhã de 2, como as condições fossem favoráveis, isto é, brecha aberta, superioridade de meios, poderoso apoio aéreo, e terreno favorável aos blindados, a massa blindada do 10º CEx Bld e os elementos de infantaria e desembocam na retaguarda inimiga, na região de EL AKA-KIR. O Cmdo Alemão (General Von Thoma) percebendo, de véspera, que o 10º CEx Bld seria lançado à luta, resolve, numa última tentativa para conter o impeto britânico, reunir o AFRIKA KORPS e as DB italianas visando a tamponar a brecha e poder garantir o tempo necessário ao retraimento de suas fôrças. Quase nada consegue.

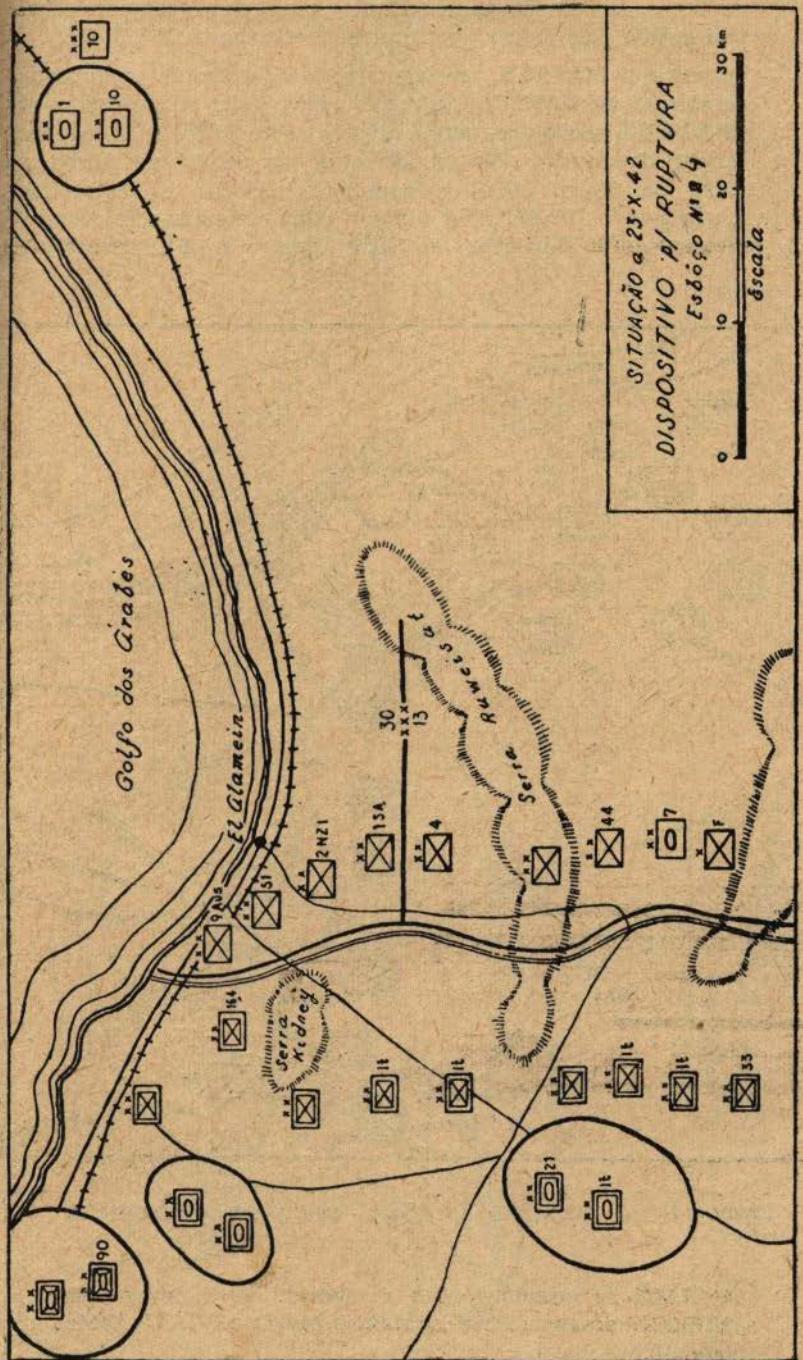
(3) Perseguição:

Percebendo que as fôrças de ROMMEL retiravam-se precipitadamente e dado o considerável número de mortos, prisioneiros e material capturado, vão os aliados realizar a Perseguição, com a finalidade de:

- cortar a retirada dos alemães;
- colocar-se a cavaleiro do eixo de suprimentos;
- ocupar os aeródromos para posterior utilização;
- dissociar todas as fôrças do Eixo.

A manobra da Perseguição é assim concebida:

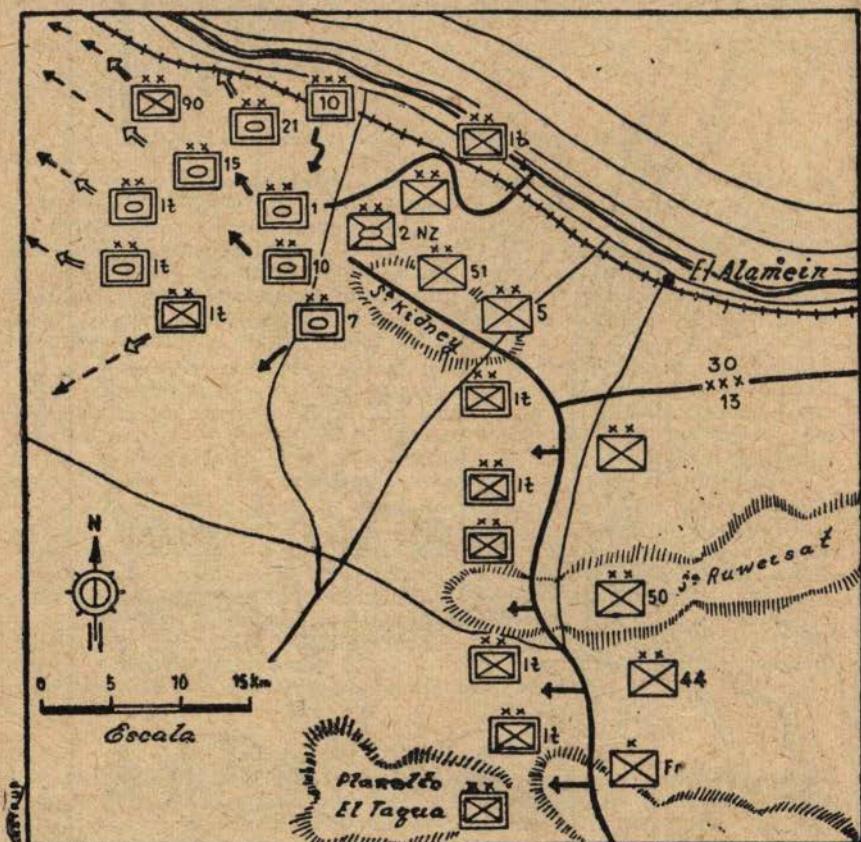
- cortar, inicialmente, a retirada de ROMMEL nos desfiladeiros de FUKA e MATRUH atuando, para tanto, com uma Fôrça de Pressão Direta pela estrada litorânea sobre FUKA; enquanto a Fôrça



ESBOCO N. 4

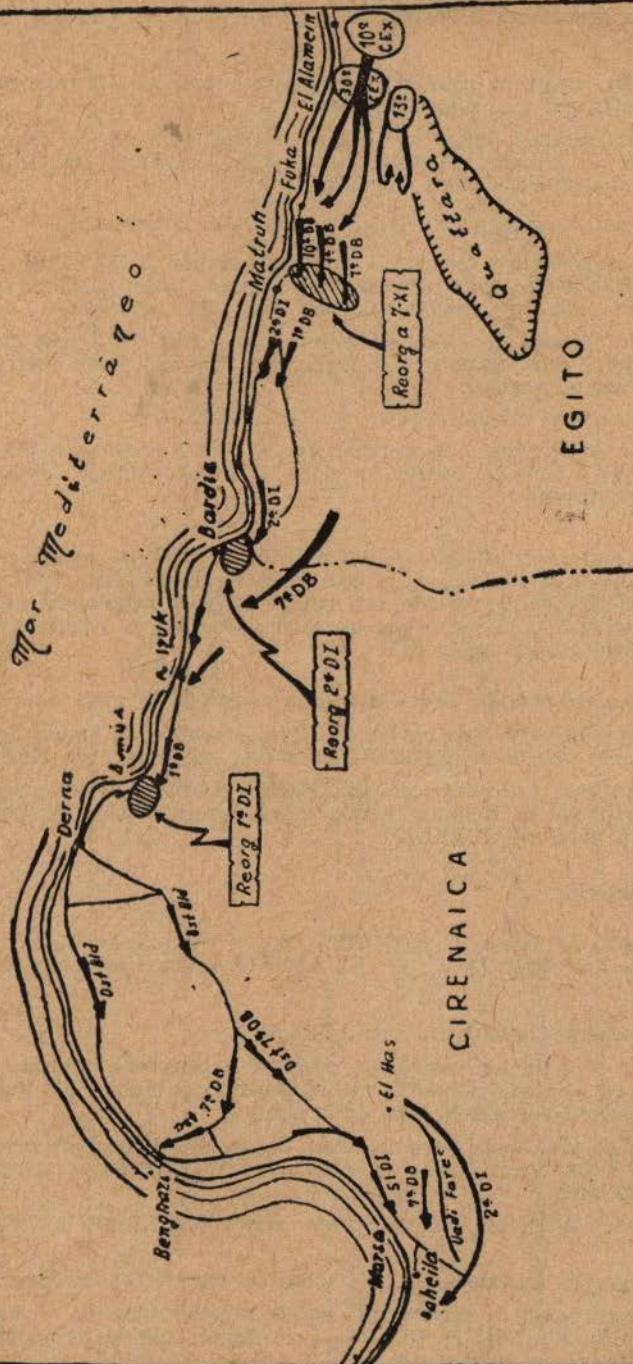
de Cérco, constituída pelos restantes elementos, avançaria simultâneamente pelo deserto, para cortar a estrada em MATRUH.

— de posse de MATRUH, prosseguir para W, a fim de conquistar o aeródromo de MARTUBA e, em seguida, isolar o adversário em BENGHAZI, sendo que, para a atuação sobre BENGHAZI, também seriam empregados dois grupamentos, um de Pressão Direta e, outro, de Círculo. A 4 de novembro iniciou-se a Perseguição, lançando-se o 10º CEx Bld (1ª e 7ª DB) violentamente sobre os remanescentes blindados do Eixo (Esbóco n. 5), enquanto a



ESBOÇO N 5 — SITUAÇÃO A 4-X-42 — INÍCIO DE PERSEGUICAO

2^a DI/NZ se orientava para o deserto. A 5 de novembro a 2^a DI/NZ encontrou forte resistência perto de FUKA (Esbôco número 6).



Perseguição de EL ALAMEIN e El Agheila
De 4/11 a 30/11/42 (1º Fase)

ESBOÇO N. 6

Enquanto se processava a Perseguição pelo 10º CEx Bld (Esbôco número 7):

- o 30º CEx seguia na esteira do 10º, para reunir as GU inimigas encontradas em sua zona de ação;
- o 13º CEx recebeu ordem para lançar-se para W, a fim de limpar o campo de batalha, reunindo as Divisões italianas desmoralizadas e abandonadas pelos alemães.

Que aconteceu durante a Perseguição, de 6 a 30 de novembro?

- já a 6, os primeiros elementos estavam próximo a MATRUH — CHARING CROSS, onde esperavam os ingleses poder cortar a retirada de poderosos grupamentos de força dos alemães;
- durante a jornada de 7 houve pequena progressão das fôrças que realizavam o aproveitamento do êxito, em face das fortes chuvas que caíram na região;
- a primeira fase vai até a posse de EL AGHELLA;
- foi muito importante a cooperação das Fôrças Navais nessa fase, de vez que a Marinha operou ao longo da costa contra as colunas que se retiravam.

Que vão encontrar os aliados em EL AGHELLA? Aí já existe nova posição defensiva, bem estruturada e com os flancos apoiados, o N no mar e, o S, no FEREGH; donde ser muito perigoso prosseguir sem montar nova operação. Porém, o que os aliados decidem é o prosseguimento da Perseguição, por meio de:

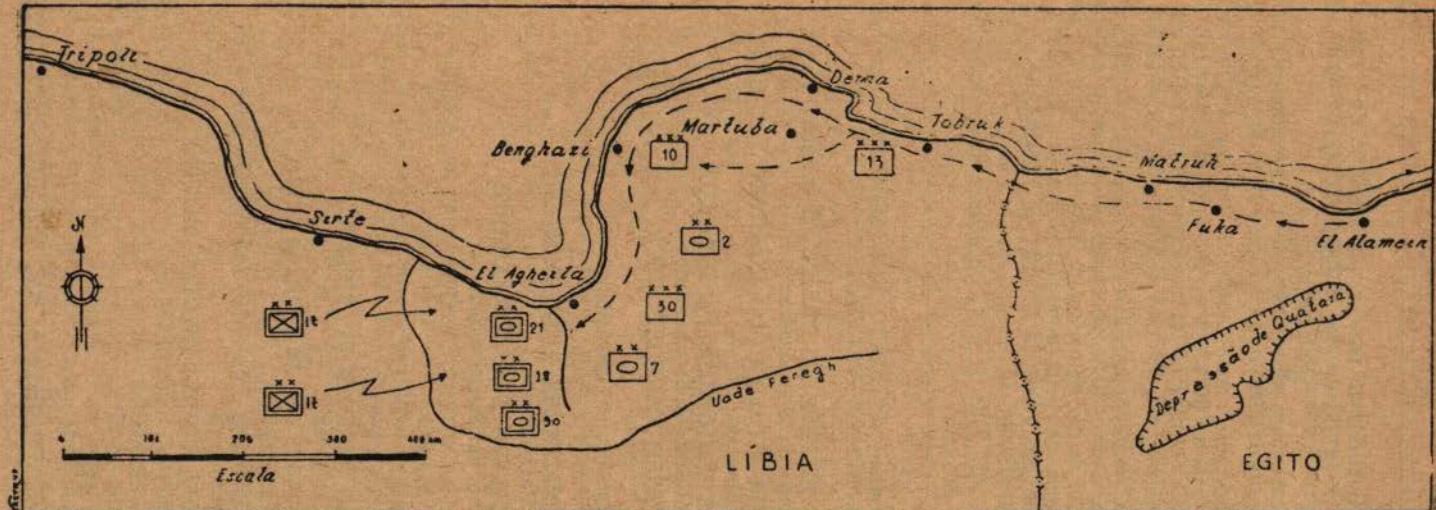
- uma fôrça de pressão direta, atacando ao longo da costa;
- uma fôrça de cércio (no caso a 2ª DI/NZ) realizando amplo desbordamento pelo S de FAREGH, para cair na retaguarda alemã.

E assim continua a Perseguição ao AFRIKA KORPS, em sua nova fase, com a finalidade de dominar amplo espaço operacional a W, bem como dominar o pôrto de TOBRUK.

(4) Comentários:

A perseguição às fôrças de ROMMEL, após a ruptura de EL ALAMEIN e durante a 1ª Fase, isto é, até EL AGRELLA, sugere as seguintes observações:

- os grupamentos atuaram descentralizados;
- imprimiu-se a maior velocidade possível e constante pressão às colunas em retirada, a fim de, não só isolar as diferentes GU italo-alemãs, como possibilitar sua destruição;
- os eixos de progressão para as fôrças de pressão direta e de cércio ficaram à inteira iniciativa de seus cmts, que receberam largas zonas de ação;
- fixaram-se objetivos bem à frente, como MARTUBA e BEN-GHAZI;
- a perseguição foi conduzida por todos os meios disponíveis;
- tal operação exige o emprêgo de fôrças altamente móveis — caso do 10º CEx Bld e da 2ª DI/NA —, no mínimo, de maior mobilidade que as do adversário;



ESBOÇO N. 7 — Situação a 30-XI-42 — 1^a fase da perseguição (fim)

- da maior importância para a continuidade do avanço até à destruição, é o problema do apoio logístico, proporcionando adequado reaprovisionamento das GU;
- ficou bastante clara nessa operação a necessidade de combinar manobras de envolvimento com ações à base de pressão direta;
- nessa perseguição, onde ROMMEL perdeu 4 Div alemãs, 8 Div italianas, mais de 30.000 PG (inclusive 9 Generais), ficaram ressaltadas as seguintes idéias fundamentais: manter contato com o inimigo, isolá-lo em diversos grupamentos e, ao final, destruí-lo.

Para finalizar, pretendemos assinalar que, na ofensiva do VIII Ex de EL ALAMEIN a TOBRUK, aparecem nitidamente caracterizadas as fases da Ruptura, e da Perseguição. O Aproveitamento do Exito aí aparece realmente como um complemento da Ruptura, enquanto que a Perseguição destaca-se, em busca da Decisão na Batalha, aí se configurando plenamente sua finalidade.

(Continua no próximo número)

Livros publicados por BIBLIOTECA MILITAR e que se relacionam com DOUTRINA MILITAR BRASILEIRA :

- 1 — HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL (2 volumes)
Cel Genserico de Vasconcellos
- 2 — A BATALHA DO PASSO DO ROSARIO
Gal Tasso Fragoso
- 3 — CAMINHOS HISTÓRICOS DE INVASAO
Ten-Cel Antônio de Sousa Júnior
- 4 — A REVOLUÇÃO FARROUPILHA
Gal Tasso Fragoso
- 5 — LUTAS AO SUL DO BRASIL
Gal F. de Paula Cidade
- 6 — NOÇÕES MILITARES FUNDAMENTAIS
Cel J. B. Magalhães
- 7 — DO RECÔNCAVO AOS GUARARAPES
Maj Antônio de Sousa Júnior
- 8 — HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A T. ALIANÇA E O PARAGUAI
Gal Tasso Fragoso
- 9 — COMPREENSAO DA UNIDADE DO BRASIL
Cel J. B. Magalhães
- 10 — EVOLUÇAO MILITAR DO BRASIL
Cel J. B. Magalhães
- 11 — OS FRANCESSES NO RIO DE JANEIRO
Gal Tasso Fragoso
- 12 — REMINISCÊNCIAS DA CAMPANHA DO PARAGUAI
Dionísio Cerqueira
- 13 — OS SERTÕES COMO HISTÓRIA MILITAR
Ten-Cel Humberto Peregrino
- 14 — RICARDO FRANCO
Gen Silveira de Mello
- 15 — ANTÔNIO JOÃO
Gen V. Benício da Silva
- 16 — NOTAS DE GEOGRAFIA MILITAR SUL-AMERICANA
Cel F. Paula Cidade

2 — DOUTRINA MILITAR E ESTRATÉGICA SOVIÉTICA

Ten-Cel CARLOS DE MEIRA MATTOS

Nota do Redator :

Melhor recomendação ao trabalho do Ten-Cel Meira Mattos não encontrámos, que a própria citação introdutória do autor, quando transcreve palavras do Cel Yvon, da Escola Superior de Guerra, de Paris. Eis como é posto o problema da Doutrina Militar Soviética : — traduzindo principalmente "constantes psicológicas e geográficas da nacionalidade", que o Ten-Cel Meira Mattos fixa, com muita objetividade e clareza.

A nós outros, que buscamos as bases filosóficas ao estabelecimento d'uma auténtica Doutrina Militar Brasileira, que atenda, antes de mais nada, aos reclamos de nossa Realidade Militar (e é nossa Carta Magna que assinala às Fôrças Armadas do Brasil, quais as missões constitucionais que lhes incumbe cumprir), mas evolue, por outro lado, visando a possibilitar o cumprimento de nossos compromissos com o Mundo Ocidental, reveste-se, pois, da maior atualidade a excelente interpretação da Doutrina soviética, desenvolvida pelo Ten-Cel Meira Mattos.

Não que nos sirva de "mais um modelo", absolutamente, em que pese algumas condições analógicas relativamente aos Teatros de Operações (imensidate territorial, grandes áreas "ilhadas", adversidade e diversidade de clima em cada uma das áreas geoestratégicas e entre elas e singularidade das linhas de transporte). Pois, sem embargo, não apelamos nos TO sul-americanos para a massa, a potência, os grandes efetivos; atuação de fôrças emmassadas, que se configuram uma constante nas manobras de flanco, do tipo cérco, dos russos, normalmente precedidas de manobras centrais, de ruptura, de grande amplitude. Um exemplo típico, por sinal, está no escalão CEx: as próprias razões que justificam a tendência na Doutrina russa, no sentido de abolir o CEx, nos chamados Exércitos de Infantaria, por constituir um elo dispensável, e só justificável, quando o número de DI excede de 7; na América do Sul, paradoxalmente, impõe-se esse escalão estrutural (CEx), embora o número de Divisões seja muito reduzido.

Esse simples exemplo, caracteriza o divisor de ambas as Doutrinas, quando consideradas as características operacionais das GU nos TO russo e sul-americanos.

Porém... fiquemos por aqui, deixando que o leitor seja conduzido ao domínio conceptual e estratégico da Doutrina Soviética.

A. Raposo Filho, Maj

A Doutrina Militar de uma Nação, diz o Coronel Ivon, Diretor do Centro de Estudos Eslavos, da Escola Superior de Guerra da França, "incorpora, através dos tempos, as tradições mais antigas, herdadas da configuração do território e sua produção, do clima, das campanhas do passado, do modo de vida de seus habitantes e de seu comportamento "vis a vis", com os seus vizinhos".

Apresentamos a conceituação acima, no intuito de dizer que, em que pese o impacto das idéias do marxismo-leninismo, a Doutrina Militar Soviética por alheiar-se das constantes psicológicas e geográficas da nacionalidade.

Antes de analisarmos até que ponto e em que medida as idéias políticas da Revolução de Outubro, influiram na evolução da Doutrina Militar Soviética, diremos que a sua estratégia militar estará sempre subordinada a certas realidades imperativas da geografia do país, tais como, a *imensidate territorial* que empresta às operações militares um sentido de fluidez, criando aquela "presença invisível", que tanto impressionou as guarnições das Panzer alemãs, o *clima inclemente*, criador de um fator militar decisivo em todas as campa-

nhas "o General Inverno", a importância singular das vias de comunicações na polarização da batalha, a relevância do fator mobilidade, como consequência, mesmo, dos grandes espaços para a manobra.

Como resultantes dessas constantes psicológicas e geográficas, surgem duas características fundamentais da estratégia militar soviética — a vocação terrestre das forças militares russas e a tendência para a utilização de grandes massas de combatentes. Nem mesmo os estupendos sucessos alcançados pela técnica e ciência soviéticas no campo dos engenhos-foguetes e na fabricação de armas atômicas, veio alterar, ainda, essa vocação para a guerra terrestre de decisiva influência na mentalidade militar dos russos.

O pensamento militar soviético, antes e depois do advento da Revolução de Outubro, estêve e está sob a influência das idéias de Clausewitz. Já na época do Exército Imperial, o escritor militar prussiano era o autor mais lido como autoridade militar. Além do mais, Clausewitz serviu ao Exército Czarista no posto de Coronel, entre 1811 e 1815. Jomini que também serviu ao Exército Imperial, sob as ordens de Tzar Alexandre I, teve considerável influência na elaboração do pensamento militar russo. A esse pensador militar suíço, devem, os russos, a incorporação à sua doutrina de guerra, dos princípios de iniciativa estratégica, emprégo de grandes massas e a inclinação para a manobra de cerco. Clausewitz inspirou na Rússia um precioso admirador e divulgador de suas idéias, o estrategista e escritor militar Boris Shaposhnikov, que conseguiu difundir suas idéias através do trabalho "Os Nervos do Exército" (o Estado-Maior). Na opinião do Marechal Barmine, cabe a Shaposhnikov a glória de ter esboçado a estratégia que assegurou o sucesso da Guerra Civil Revolucionária e das Fôrças Armadas Soviéticas, na Segunda Guerra Mundial.

Do pensamento de Clausewitz, expresso principalmente na sua obra "Von Kriege" (Da Guerra), de que a Guerra e a Política são uma mesma coisa, conquistou inúmeros adeptos entre os líderes revolucionários, merecendo várias citações em seu apoio de Marx, Engels, Lenine, Trotzky e Stalin. Segundo Clausewitz, a Guerra é a continuação da Política por outros meios (especialmente violentos). Os marxistas têm considerado, sempre, esta tese, a base dos pontos-de-vista soviéticos, sob o significado de qualquer guerra. Do glossário dos conceitos de Clausewitz sobre a guerra, um em especial, merece e merece destacado relêvo para os teoristas da guerra soviética — trata-se do que diz "Um conquistador é sempre um amante da paz, ele deseja sempre entrar em novos domínios sem oposição". Lenine e Stalin subscreveram inteiramente esse conceito. Confirmando essas idéias, Stalin disse, em 1934, numa entrevista concedida a H. M. Wells "Os comunistas em absoluto desejam métodos de violência. Estarão sempre muito satisfeitos se puderem abolí-los, desde que as outras classes concordem em dar passagem à classe operária".

A influência das idéias acima expostas, no pensamento militar soviético da atualidade, é tão preponderante, que muitos estudiosos da Doutrina Militar Soviética, como Liddell Hart e Raymond Garthoff, não titubearam em afirmar em suas conclusões que "a Guerra não é o objetivo da Estratégia Soviética". Cumpre esclarecer quando êsses autores dizem "guerra", querem se referir a conflitos militares de grandes proporções, à guerra geral.

Raymond Garthoff, no seu livro "Doutrina Militar Soviética", diz textualmente :

"A guerra não é o objetivo da estratégia soviética; os soviéticos preferem chegar aos seus objetivos por meios pacíficos — forçando

o apaziguamento do adversário. Essa consideração tem lugar destacado na estratégia soviética, que assenta a estimativa de suas possibilidades na determinação do *risco menor*. Assim, o Exército Soviético é, via de regra, empregado ofensivamente sómente em situações em que outros processos de *menor risco* não são considerados possíveis, e que têm a garantia de possuir um grande potencial à mão. Embora as Fôrças Armadas Soviéticas caracterizem o instrumento básico para os propósitos soviéticos, muito mais uso é previsto para as formas suplementares de luta, tais como a subversão, a sabotagem, a rebelião colonial e as agressões de seus satélites; não há dependências dessas formas de agir com uma situação formal de guerra, e nem mesmo os riscos de uma guerra total. Os líderes soviéticos não consideram um conflito armado local, como levando à possibilidade de um conflito total. Com exceção feita de que elas são fases da política, com uma componente diferente — a fôrça armada —, não há diferença entre paz e guerra na Doutrina Soviética.

Os estrategistas militares russos de "post-revolução", tais como Frunze, Svechin, Bulganin, Voroshilov, Zhunkoz, apesar de sua preocupação permanente com a Guerra Geral, a encaram sempre como uma contingência inevitável e não desejada, que só deve ter lugar quando os propósitos políticos do estado russo não puderem ser alcançados pelos processos de intimidação, subversão, insurreição, guerra local. Todos concordam, igualmente, que o êxito desses processos intermediários, de pressão ou conquista política depende, essencialmente, da existência de Fôrças Armadas poderosas e agressivas que, mesmo sem intervirem no conflito, atuam indiretamente, como argumento de intimidação.

Na obra recentemente lançada nos Estados Unidos, "A Estratégia Soviética na Era Nuclear", o mesmo Raymond Garthoff, analista soviético do Departamento de Defesa, assim expõe as suas conclusões:

"O choque estratégico inicial por modernos bombardeiros a jato, foguetes "mísseis" de alcances intermediário e intercontinental e "mísseis", lançados de submarinos, causará devastadora destruição nos territórios de ambos os contendores, Estados Unidos e URSS, e de seus principais aliados. Mas, significará essa mútua destruição, uma mútua derrota? A resposta soviética é, *não*. O choque atômico inicial, em alta prioridade, destruirá as bases estratégicas inimigas, aéreas e de lançamento de "mísseis", em proporções jamais conhecidas. As grandes cidades e os centros industriais, em segunda prioridade, também sofrerão pesados danos. Engenhos radioativos e bacteriológicos poderão ser usados. Mas esta enorme destruição recíproca consumirá, provavelmente, a maior parte das disponibilidades dos "mísseis" de longo alcance. De certo modo, os esforços destas fôrças se neutralizam um ao outro. Esta é uma frase crucial da guerra, na qual uma potência fraca ou mal preparada poderá ser derrotada. Mas, este não será o desfecho decisivo de uma guerra entre grandes potenciais, bem preparadas; este "climax atômico" não deverá determinar o resultado final da luta entre ambos.

O poder aéreo e os foguetes táticos, êsses meios destinados a atacar as fôrças militares inimigas numa área compreendida a 1.600 quilômetros das fronteiras iniciais, se engajarão igualmente em recíprocos choques atômicos. Mas, neste ponto, os soviéticos já não encaram a hipótese do mesmo equilíbrio de fôrças entre ambos os combatentes. O papel decisivo (do ponto-de-vista soviético), passará para as fôrças de terra — instruídas

para a guerra atômica e armadas com engenhos nucleares; e, aqui, a guerra começará a sofrer um sério desequilíbrio — marcado pela preponderância dos soviéticos.

Então, os soviéticos se esforçariam em realizar, pelo menos, uma grande ofensiva favorável, ocupando todo o Continente Eurásico e explorando os seus recursos ao máximo, tendo em vista compensar algumas das perdas sofridas pela União Soviética. Devastado e reduzido, o mundo livre se encontraria inteiramente desterrado no Hemisfério Ocidental".

Opiniões predominantes nos meios militares norte-americanos inclinam-se a considerar o problema apenas até este clímax do holocausto atômico recíproco.

Por que a imaginação dos soviéticos transpõe esta barreira e vai adiante? Será fruto da ignorância existente sobre os efeitos das armas nucleares? É o próprio Garthoff quem responde:

"As baixas maciças suportadas pela União Soviética em 1941, num espaço de tempo relativamente curto, estiveram mais próximas das perdas prováveis resultantes de um ataque nuclear, do que qualquer outra experiência realizada na atualidade, por uma grande potência.

Os soviéticos perderam o controle de 40% de sua população, 40% de sua produção de cereais, aproximadamente 60% de sua produção de carvão, ferro, aço e alumínio e 95% ou mais de certas indústrias militares essenciais, tal como de rolamentos. Suas baixas em pessoal combatente alcançaram a cifra de 4.000.000 entre mortos, feridos e prisioneiros. Perderam 2/3 de seus blindados e aviões de combate. Um cataclisma nuclear poderá ser pior, mas a Rússia já sobreviveu a um desastre militar de tamanha proporção e magnitude — sobreviveu e venceu.

Enquanto o conceito de objetivo militar dos Estados Unidos é, apena, deter e derrotar o ataque inimigo — os propósitos militares soviéticos são marcados por um objetivo fundamental: ampliar o poder da União Soviética qualquer que sejam os caminhos; desde que seja preservada a sobrevivência deste mesmo poder.

Os soviéticos não sabem como poderão ocupar e controlar os Estados Unidos. Mas, sabem como a conquista da Europa Ocidental os colocará, no fim da guerra, em posição "vis a vis" com os Estados Unidos, posição melhor do que a que ocupam presentemente.

É esta visão do futuro que imprime confiança aos porta-vozes soviéticos e impulsiona sua diplomacia".

Antes de encerrarmos estas considerações iniciais, queremos deixar bem claro que a Doutrina Militar Soviética destaca o princípio da Ofensiva como fundamental. Preceituam os Regulamentos Militares Soviéticos: "O combate ofensivo é o aspecto básico das ações no Exército Vermelho", ou, como define o Regulamento de Campanha "Toda guerra, ofensiva e defensiva, tem o propósito de derrotar o inimigo. Mas sómente a ofensiva decisiva na direção principal, seguida por uma perseguição denodada, pode conduzir ao completo aniquilamento das forças e recursos do adversário".

Em criterioso estudo publicado na revista "Army", de janeiro de 1958, o conhecido especialista em assuntos militares soviéticos, Raymond Garthoff (autor do livro "Doutrina Militar Soviética", a que já nos referimos) assim conclui:

"Seus sucessos com os "Sputniks" e foguetes balísticos intercontinentais, não levaram o Kremlin a diminuir o efetivo de suas forças

terrestres. As 175 divisões existentes no Exército Soviético, são armadas com engenhos modernos dos mais variados e estão aptas a combater dentro de novos conceitos táticos, inclusive os referentes à mobilidade terrestre e aérea. Do ponto-de-vista soviético, os exércitos maciços continuam a ser o principal elemento das fôrças armadas".

Com os elementos acima expostos, pensamos poder compor o conceito estratégico soviético com as seguintes palavras:

"A vitória decisiva só pode ser alcançada pela ofensiva, através do emprêgo conjugado de armas modernas com massas de combatentes."

II — EVOLUÇÃO DAS FÔRÇAS TERRESTRES SOVIÉTICAS

A tarefa principal, na estratégia soviética, continua a cargo das fôrças terrestres. Esta é a conclusão dos principais pesquisadores ingleses e norte-americanos.

Nos anos de 1956 e 1957, o Marechal Zhukov, por diversas vezes, revelou claramente a concepção estratégica dos soviéticos para a guerra moderna. São suas estas palavras: "O poder aéreo e os engenhos atômicos, por si mesmos, não podem decidir sobre os resultados dos conflitos armados. Ao lado das bombas de urânio e de hidrogênio, em que pese o seu tremendo poder destrutivo, será inevitável a presença nos campos de batalha, de exércitos numerosos e de enorme quantidade de armamento convencional.

Pesam, certamente, nessa preponderância do Exército no quadro da estratégia combinada, os fatores que analisamos anteriormente — a alma nacional e as constantes geográficas do território —, geradores da "vocação terrestre das fôrças militares russas e da tendência para o emprêgo de grandes massas de combatentes".

Não devemos esquecer, também, que o êxito dos processos intermediários de guerra, "a guerra revolucionária" como a definem os franceses, deram à Rússia o controle político de áreas habitadas por aproximadamente um bilhão de pessoas. Esses povos, sob estreito controle político russo, encerrados na "cortina de ferro" e na "cortina de bambu", representam hoje 1/3, da população do globo. Enquanto isto, a população dos países membros da OTAN não vai além de 450 milhões. Acrescentando-se ao potencial humano da OTAN o da OEA, alcança-se o efetivo populacional de 600 milhões, muito aquém daquela correspondente ao do mundo comunista.

Enquanto os soviéticos mantêm em armas um Exército de 175 divisões, sem contar as 40 divisões dos estados satélites do oriente europeu e as da China Popular, a OTAN, com muito sacrifício e sérios desentendimentos entre seus membros, todos estados soberanos e democratas, não conseguiu ainda colocar em pé de guerra, na Europa Ocidental, mais do que 48 divisões. Sabe-se, que as reservas estratégicas da OTAN, nos Estados Unidos, são muito pequenas, quase se resume na Fôrça de Choque Estratégica, composta de 4 Divisões (2 de Inf e 2 Aeroterrestres), componentes do Corpo de Exército Estratégico, SCRAC e nas unidades aéreas e navais.

Esses fatores, fundados numa superioridade em potencial humano inquestionável, parecem, também, bastante sugestivos para reforçar nos russos a sua vocação tradicional para a guerra terrestre.

Elementos de informações colhidos entre os serviços de inteligência militar das nações aliadas da OTAN permitiram a elaboração do quadro abaixo, que atualiza os dados comparativos entre o potencial dos Estados Unidos e da Rússia, no que se refere, principalmente, a possibilidades para realizar a guerra convencional ou a guerra atômica limitada (com o emprêgo exclusivo de armas atômicas táticas).

1 DISCRIMINAÇÃO	2 União Soviética	3 Estados Unidos	4 Observações
População	210.000.000	173.000.000	
Extensão territorial	22.000.000	9.380.000	
Número de grandes cidades (maiores de 50.000 habitantes)	22	18	
Eletivo das Fôrças Armadas	4.000.000	2.700.000	Aproximadamente
Exército	2.400.000	300.000	Aproximadamente
Marinha	800.000	825.000	Aproximadamente
Fôrça Aérea	800.000	875.000	Aproximadamente
Div Bld	40	Aprx 3	Aproximadamente
Div Mec	35	—	Aproximadamente
Div Inf	90	9	Aproximadamente
Div Aet	10	3	Aproximadamente
Div Fzo Navais	—	3	Aproximadamente
Bld modernos	20.000	3.000	Aproximadamente
Bld antiquados	15.000	6.000	Aproximadamente
Submarinos	400	200	Aproximadamente
Pequenos vasos de guerra	80	260	Aproximadamente
Destróiers	130	390	Aproximadamente
Cruzadores modernos	27	65	Aproximadamente
Porta-aviões (CVA, CVS, CVL)	—	37	Aproximadamente
Porta-aviões escola (CVE)	—	50	Aproximadamente
Aviões de transporte	2.000	3.000	Aproximadamente
Aviões interceptadores	10.000	3.500	No território dos EUA
Aviões-navais e caças-bombardeiros	3.500	12.500	Aproximadamente
Bombardeiros táticos	5.000	1.000	Aproximadamente
Bombardeiros estratégicos médios (Badger; B-47)	500	1.200	Aproximadamente
Bombardeiros estratégicos pesados (Bason; B-52 e B-36)	300	450	Aproximadamente
Aviões-tanque estratégicos (Bear; KC-135; KC-97)	200	850	Aproximadamente

OBSERVAÇÃO — Este quadro foi extraído da Revista de Aviação Mundial "Interrávia", n. 1 de 1958 (Genebra — Suíça).

Os russos "não dormem sobre os louros" de sua vocação terrestre, de sua inclinação para fazer a guerra à base de exércitos maciços. Todas as informações que possuímos nos mostram que as 175 divisões que a URSS mantém em pé de guerra, vêm sendo sucessivamente reorganizadas e reestruturadas desde o final da Segunda Grande Guerra, a fim de receberem as novas armas e se adotarem novos processos de combate consequente do aparecimento dessas armas.

O Marechal Malinowsky, sucessor de Zhukov como Ministro Membro do Soviet Supremo e Comandante-em-Chefe das Fôrças Terrestres, no que diz respeito a assuntos estratégicos e doutrinários, não se afastou da linha que vinha sendo seguida pelo seu antecessor. Para bem sentirmos o *espírito de renovação* que impulsiona a modernização do Exército Soviético vamos reproduzir aqui o ponto de vista do Marechal Malinowsky. O pensamento do Comandante-em-Chefe das Fôrças Terrestres da URSS, várias vezes manifestado, pode ser assim resumido :

"A expressão *Exércitos maciços*, na doutrina militar moderna, não deve ser confundida com uma mera massa de soldados que muitas vezes formaram os Exércitos Vermelhos da Segunda Guerra Mundial. Esta expressão deve ser compreendida à luz da contínua evolução que se vem processando nesta após-guerra, e que converteu o Exército numa força de terra poderosa e moderna. O Exército Soviético de 15 milhões de homens de 1945, era uma aglomeração de mais do que 600 "divisões", constituidas em sua maioria de infantaria a pé e tropas hipomóveis. Durante este período de após-guerra, uma drástica reorganização foi realizada. A desmobilização efetuada obedeceu a um critério seletivo e fêz parte de um programa geral de modernização.

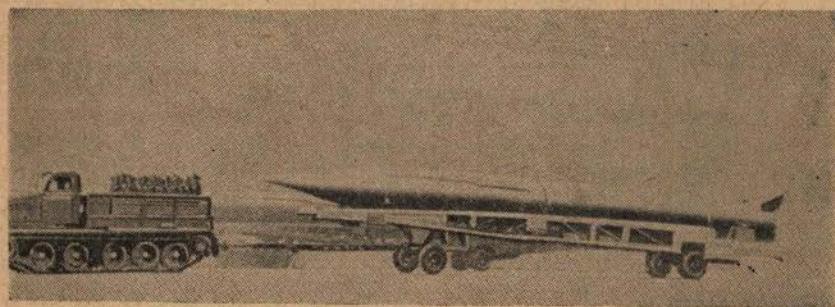
Em 1945 havia dez divisões de infantaria para cada divisão blindada ou mecanizada; em 1947 a relação era de dois para um e, agora, já se aproxima da paridade. No fim de 1947, as Fôrças Armadas Soviéticas alcançaram o nível de seu efetivo de "post-guerra", previsto, aproximadamente de quatro milhões de homens nas três armas (mais 400.000 de tropas de segurança), dos quais dois e meio milhões pertencem às fôrças de terra organizadas em 175 divisões. Este nível de efetivo das fôrças terrestres, ao lado de uma contínua formação de reservas e de um processo racional de conscrição das classes em idade militar, manteve-se virtualmente constante até 1955, embora continua modernização venha aumentando, de ano para ano, a capacidade de manobra, a mobilidade tática e o poder de fogo das 175 divisões em armas".

No ano de 1956, o governo de Moscou com estrepitosa propaganda anunciou uma redução de efetivos da ordem de 1.840.000 homens, abrangendo as fôrças soviéticas e os seus satélites da Europa Ocidental (Pacto de Varsóvia). Não se sabe, até onde essa anunciada redução foi realmente realizada. Opina Raymond Garthoff que uma redução moderada se deve ter efetuado, isto, entretanto, sem alterar o número de divisões do Exército, mas apenas reduzindo o efetivo de algumas delas (adoção de efetivos orçamentários sem prejuízo da manutenção dos quadros e dos elementos especializados).

Segundo o mesmo Garthoff, o Exército Soviético iniciou sua adaptação para a guerra atômica com algum retardamento. Isto, devido a influência da estagnação stalinista. Praticamente, começou a encarar os problemas da influência da ordem atômica no campo de batalha, a partir de outubro de 1953. Nessa ocasião, realizaram-se pequenas manobras experimentais onde foram "testadas" as idéias iniciais sobre a tática ofensiva e defensiva.



Canhão AAé-57 mm, montado em chassis de CC Médio



ENGENHO-FOGUETE — Alcance de 300 milhas

Nos anos de 1954 e 1955 apareceram na "Estréla Vermelha" e outras publicações militares soviéticos, os primeiros artigos sobre engenhos atómicos táticos e as influências da presença desses engenhos nos processos de combate das forças terrestres.

O estudos experimentais e manobras realizados nos anos de 1954 a 1956 permitiram ao Mar Zhukov afirmar, com toda a segurança, perante os delegados reunidos por ocasião do 20º Congresso do Partido Comunista Russo, em 1956:

"Nestes últimos anos considerável esforço foi realizado no sentido de instruir as nossas tropas na conduta de operações de combate, sob condições de guerra atómica..."

As publicações militares soviéticas, nos últimos cinco anos, têm se dedicado a estudar intensamente o problema da defesa contra engenhos nucleares, quer nas retaguardas quer nas zonas de combate. Lêem-se, frequentemente, calorosas discussões sobre proteção e contra os efeitos de sôpro, incendiários e radioativos das explosões nucleares.

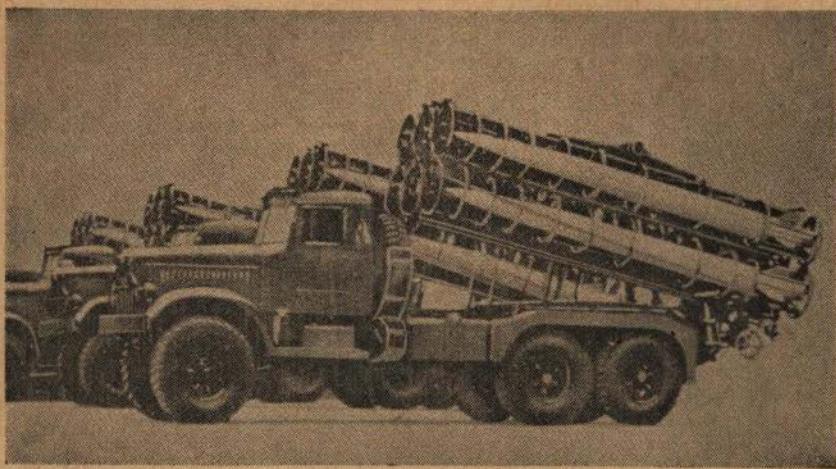
Como medidas de defesa passiva, são postos em evidência: a importância do abrigo, a indumentária protetora, o estudo da proteção que as formas do terreno podem oferecer, os processos de descontaminação do pessoal, equipamento e armamento.

As publicações militares do Exército Soviético prescrevem inúmeras normas de conduta para as tropas em campanha, visando o combate atómico, tais como:

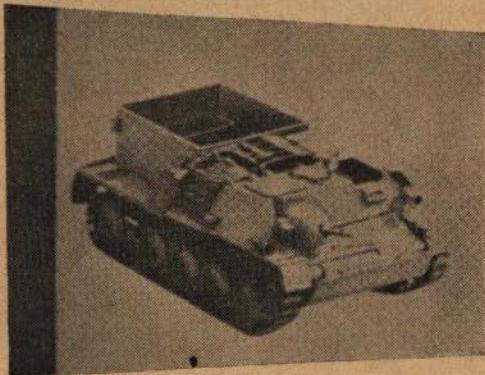
- "o cumprimento integral da missão de combate constitui o dever básico do soldado e este dever não cessa ao ser ouvido o sinal de alerta-atómico";
- "na ofensiva o melhor meio de proteger-se é cerrar sobre o inimigo";
- "na defensiva, nos movimentos e na concentração para a ofensiva, a determinação no cumprimento das missões persiste mesmo depois do alerta-atómico";
- "nas situações de marcha, o movimento continua apesar dos sinais de alerta-atómico";
- "a importância dos trabalhos de engenharia, no campo de combate, aumenta consideravelmente, diante da ameaça de serem usados engenhos atómicos";
- "os postos de comando, posições de artilharia, abrigos para blindados e aviões devem estar protegidos por casamatas e espaldões";
- "a mobilidade das tropas representa a melhor proteção contra os engenhos atómicos";
- "as situações de parada prolongada devem ser evitadas";
- "a capacidade de dispersão das tropas e serviços deve ser explorada ao máximo".

O Major-General Losik, Comandante de um Corpo Blindado assim exprimiu, em artigo recente publicado numa revista militar:

"Sob condições de emprego de engenhos atómicos, as tropas devem operar em ordem extremamente dispersa de maneira a proteger seus homens e materiais; a concentração de forças só deve ser feita no momento do ataque".

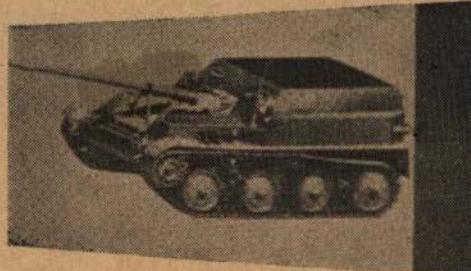


Lança-Foguetes de 17 pés



Veículo blindado leve

Canhão 57 mm, usado em operações aero-terrestres como artilharia e AC



Pesquisas meticulosas realizadas em publicações expedidas pelas escolas de ensino militar superior da União Soviética, tais como a Academia Voroshilov (semelhante à nossa Escola Superior de Guerra) e à Academia Frunze (equivalente à nossa Escola de Comando e Estado-Maior do Exército) nos revelam que, desde 1954, vivem êsses institutos preocupados em estudar a fundo as novas idéias, os novos processos de combate, e as novas organizações, surgidos em consequência do aparecimento da arma atômica no campo de batalha.

Em suma, através de toda a literatura militar soviética sobre a guerra atômica no campo das operações terrestres ressalta-se a ênfase que é dada aos fatôres: — SURPRESA, MOBILIDADE E DISPERSÃO.

III — A MODERNA ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES DE COMBATE DO EXÉRCITO SOVIÉTICO

Ao mesmo tempo em que desenvolvem intenso programa baseado na fabricação de mísseis e armas nucleares, os soviéticos procuram, "pari-passu", adaptar a organização de suas fôrças terrestres às novas exigências do campo de batalha atômico.

As últimas publicações militares russas nos dão informações muito valiosas e os últimos desfiles militares realizados em Moscou, particularmente os de 7 de novembro de 1957 e 1º de maio de 1958, mostraram-nos, ao lado da reestruturação das unidades clássicas das fôrças terrestres visando aumentar-lhes a mobilidade e a potência de fogo, a introdução nas organizações terrestres de numerosos tipos de mísseis aptos ao lançamento da arma atômica tática.

A apresentação desses engenhos-foguetes revela, inequivocamente, que os soviéticos reservam a êsses engenhos um papel decisivo nas operações militares do futuro.

No desfile militar de 7 de novembro último, comemoração do 40º Aniversário da Revolução Comunista Russa, o qual foi assistido por numerosas delegações de convidados de todos os países comunistas e neutros, além de autoridades diplomáticas accidentais acreditadas em Moscou, a União Soviética resolveu fazer uma verdadeira exposição de armas modernas.

Desfilaram pelas alamedas de Moscou uma gama enorme de mísseis, montados sobre viaturas com lagartas ou sobre imensos reboques, de peso, tamanho e formas as mais variadas. Foram vistos pelos observadores militares ocidentais, mísseis de fôrças terrestres, superfície-superfície, de alcances calculados de 55 Km, 120 Km, 560 Km, 800 Km, além de mísseis superfície-ar de uma e duas fases, de alcance ignorado. Foram vistos novos e aperfeiçoados foguetes múltiplos, de alcance muito maior do que os anteriormente apresentados, montados em novas viaturas de lagartas, aumentando de muito a mobilidade através campo.

Passaram diante dos olhos curiosos dos observadores militares ocidentais, poderosíssimos canhões auto-propulsados de calibre calculado em 300 milímetros, artilharia antiaérea auto-propulsada, numerosos tipos de viaturas blindadas de transporte de pessoal, na sua grande maioria anfíbias armadas com metralhadoras pesadas. A quantidade dos conceituados carros de combate médios T-54 aumentou consideravelmente, tendo sido apresentado como novidade, um tipo de carro pesado, do tipo Joseph Stalin III, armado com canhão de 122 mm, de alta cadêncie de tiro, como armamento principal. Um motor novo e aperfeiçoados dá a este "matador de carros", uma autonomia comparável à dos carros de combate médios atuais. Foi mostrado, também, um tipo de carro de combate leve, anfíbio, que aumenta consideravelmente a capacidade de



Lança-rojão de 12 tubos



Canhão de 122 mm de CC pesado

reconhecimento de combate das unidades do Exército Soviético. Dotado de canhão de 76 mm, esta viatura permite um reconhecimento profundo, potente e rápido, e não depende de qualquer equipamento especial para a transposição de cursos d'água.

No tocante à aviação de transporte e helicópteros, especialidades que interessam muito de perto aos modernos processos de combate das forças terrestres, em que a mobilidade assumiu importância decisiva, os soviéticos, nesses últimos meses revelaram nada menos de cinco novos tipos de aviões de transporte de tropas de notáveis características. Entre eles o CAMP, transporte turbo-hélice bimotor, representa um grande progresso na categoria de aviões de transporte de peso médio e o CAT, transporte quadrimotor, turbo-hélice, indubitavelmente será um suplemento para o CAMP, com o seu grande alcance e maior capacidade de carga útil. No campo dos helicópteros, além do HORSE capaz de levantar cinco toneladas, sabe-se que os soviéticos estão prestes a lançar o MI-6, destinado a levantar doze toneladas. Este aparelho, acionado por dois turbo-jatos, dará às forças terrestres uma impressionante capacidade de decolagem e aterragem verticais.

No tocante a mísseis menores do que os anteriormente citados, foi apresentado um foguete do tipo "Honest John", que emprega como transporte um chassis de carro de combate anfíbio. Estamos lembados que na organização da Divisão Pentómica norte-americana, há a distribuição de duas plataformas para lançamento do "Honest John", foguete que poderá lançar granadas explosivas convencionais ou projéteis atômicos. Tudo indica, portanto, que esse foguete russo seja, também, de distribuição divisionária. Desfilaram sobre caminhões foguetes de artilharia, do tipo "Little John".

No que se refere a armamentos mais leves, além dos três tipos de armas automáticas simples e rústicas, todas atirando com o mesmo calibre, de que é dotada a infantaria soviética, apareceram como novidade o canhão sem recuo de 107 mm que, associado ao lança-rojão anti-carro de 82 mm, forma o binômio da defesa contra blindados das unidades terrestres. No campo dos morteiros, foi observada uma variedade de calibres alcançando até o de 240 mm.

As unidades básicas de manobra, as Divisões, também foram reorganizadas tendo em vista se tornarem mais aptas ao campo de combate atômico.

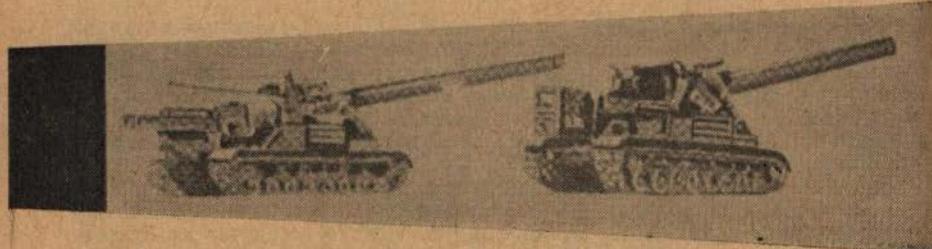
As principais modificações tiveram em vista aumentar a velocidade e a versatilidade dos movimentos e alcance e potência de fogo.

A velocidade e aptidão para o movimento através-campo foram os fatores levados em conta na fabricação de novos modelos de veículos motorizados, destinados a assegurar às tropas combatentes capacidade de dispersão rápida, concentração para o ataque e nova dispersão evitando oferecer ao inimigo um alvo compensador para a sua arma atômica. Veículos anfíbios, tanto carros de combate como carros blindados de transporte de pessoal, foram distribuídos fartamente às divisões visando facilitar a transposição de cursos d'água sem necessidade de uma parada para o lançamento da "cabeça-de-ponte". No tocante a comunicações, novo equipamento foi distribuído, visando assegurar as ligações em situações que exigem o desdobramento das unidades em áreas maiores e à necessidade de assegurar-lhes maior fluidez.

Numerosos exercícios com tropas no terreno vêm sendo realizados, ultimamente, tendo em vista estudar a conduta das unidades quer no caso do emprêgo de armas atômicas pelo inimigo, quer no caso de seu emprêgo pelas tropas soviéticas.



Helicóptero "Hook"



Canhões atômicos

O critério estratégico que preside a organização das divisões é, ad que parece, assegurar-lhes uma rápida expansão por toda a Eurásia. As divisões estacionadas em áreas avançadas, estão inteiramente prontas para a ação. As demais, poderão ficar prontas em 48 horas. As divisões, são de quatro tipos — de Infantaria, Mecanizadas, Blindadas e Aeroterrestres; as três primeiras são enquadradas para operações em Corpos de Exército e comandadas e apoiadas logisticamente pelos Exércitos. Há dois tipos de Exército, — de Infantaria e Mecanizado. O primeiro é constituído, em princípio, por dois ou mais Corpos de Exército de Infantaria (3 DI e 1 Div Mec e elementos de apoio) e o segundo, por dois Corpos de Exército, um mecanizado (2 Div Mec) e um blindado (duas Div Bld).

Das 175 divisões atualmente no Exército Soviético, 90 são de infantaria, 55 mecanizadas, 20 blindadas e 10 aeroterrestres. A diferença entre as divisões mecanizadas e as blindadas é que, nas primeiras, a relação infantaria transportada, carros de combate é maior do que nas últimas. Exemplificando, com a última e recente reorganização, a Divisão Blindada Soviética passou a ter 450 carros de combate (possuía 250) e a Divisão Mecanizada 300 (possuía 200), enquanto a proporção de infantaria é de 3 RI na Div Mec e 1 RI na DB.

A Divisão de Infantaria Soviética atualmente, conta com 75 carros de combate.

Os processos de instrução moderna dão grande ênfase às medidas de proteção contra os engenhos nucleares, os gases de combate e a guerra bacteriológica, aconselhando medidas de dispersão, e acentuando a importância dos abrigos para pessoal e material.

Em resumo, tôdas as inovações, introduzidas na organização das unidades e nos processos de combate das fôrças terrestres soviéticas, visam torná-las aptas a fazer a guerra atômica e não atômica.

A potência de fogo, com o surgimento dos novos engenhos e o aperfeiçoamento das armas convencionais, cresceu de tal maneira, em alcance e poder de destruição, que revolucionou o conceito clássico do campo de batalha.

A mobilidade e versatilidade de movimentos, pelo incremento da motorização, pelo aumento de veículos sobre lagartas e pela larga suplementação de veículos anfíbios, ampliaram-se de tal maneira, que os velhos conceitos de velocidade tática e a profundidade do combate, viventes por ocasião da 2ª Guerra Mundial, são hoje coisas do passado.

O moderno exército soviético, ao lado de sua capacidade de atuar no campo de batalha atômico, teve altamente elevada a sua aptidão para fazer a guerra não atômica.

II — ORGANIZAÇÃO E REGULAMENTOS

A DOUTRINA E OS REGULAMENTOS NACIONAIS ARGENTINOS

Maj Juan Cuaranta — República Argentina — 1940
— Trad. do então Ten-Cel F.A. Araripe

Nota do Redator:

É com prazer que trazemos à meditação dos leitores de "Doutrina Militar Brasileira", um interessantíssimo estudo do então Maj Cuaranta, do Exército Argentino, onde aparecem focalizados aspectos do maior relevo à compreensão dos problemas sul-americanos, do ponto-de-vista doutrinário. Revela o trabalho, por outro lado, a preocupação do ilustre articulista, já em 1940, no sentido de equacionar o problema militar segundo bases filosóficas nacionais, domésticas, adaptando-se os ensinamentos de além-fronteira e, não, "copiando-os" servilmente.

A simples seqüência do trabalho denuncia a maneira lógica e direta com que o assunto é tratado, destacando-se as diversas partes em que o tema é desenvolvido. Depois de mostrar a necessidade de "atacar de frente o problema" e de apelar para o estudo da "psicologia do nosso material humano", ressalta o Maj Cuaranta a "necessidade de estar nossa tática de acordo com nosso armamento e nossas possibilidades".

Na verdade, o mérito do artigo, que adiante se vê, está em que, "se esperamos ter uma conduta clássica, genuinamente nacional, a doutrina deve insistir indefectivelmente no estudo do próprio ambiente", o que denuncia, embora não esteja explícita, a idéia de utilização daqueles dois métodos responsáveis pela integração do conhecimento militar: — o histórico e o positivo. Aquêle, inspirado na sedimentação experimental do passado, enquanto este se configura como de importância relativamente aos métodos e processos de atuação, consoante o estágio técnico-científico-industrial.

Em que péssima época em que o trabalho foi escrito, contudo, permanecem perfeitamente verdadeiras e atuais as idéias expandidas pelo ilustre oficial argentino, com objetividade, equilíbrio e senso da realidade argentina e sul-americana.

A. Raposo Filho, Maj

Na reflexão, na meditação e no estudo das campanhas argentinas encontraremos as bases para resolver os nossos problemas:

"Não é um gênio quem me revela de repente e em segredo o que deve dizer ou fazer em circunstância inesperada para os outros; é a reflexão e a meditação."

Napoleão

"Aprendamos a pensar" — Foch.

Para copiar não é preciso nem sequer ser inteligente, basta saber escrever; porém, o mesmo não acontece na solução dos problemas concretos em que é fundamental refletir, meditar, coisa relativamente fácil caso se tenha aprendido a pensar. (1).

Quando se fala em "regulamentos nacionais" e lógicamente se evoca uma "doutrina argentina", encontra-se não pouca resistência.

Há os que pensam devermos continuar com doutrina, regulamentos, certos fatôres que não correspondem à psicologia do material humano argentino e "até com os costumes de outros países". "Com isso estamos em profundo desacordo".

APRENDAMOS PRIMEIRO A PENSAR

Recordemos que o velho Frederico exigia que os seus generais trabalhassem com a cabeça e que Foch dizia na Escola Superior de Guerra de Paris: "aprendamos a pensar". Não podia ser de outro modo porque nisso está a base indispensável para poder-se encontrar as soluções dos problemas militares, econômicos ou político-sociais.

REFLITAMOS E MEDITEMOS SÓBRE OS NOSSOS PROBLEMAS CONCRETOS

Não será difícil que dêsse estudo surjam dispositivos argentinos que não sirvam para as nações européias, mas que, para nós, resolvam da melhor forma o "nossa caso".

Também é provável que se conclua, devido aos extensos teatros de operações, ao espaço para manobrar e as enormes distâncias a percorrer, que se torne necessário preparar de outra forma o material humano e que se deva ensinar outra tática que não a empregada na França em 1914, por ser ela a mais nociva e a menos aplicada "ao nosso caso particular".

Finalmente, dessa meditação e dessa reflexão pode surgir uma doutrina argentina, isto é, depois de quasi quarenta anos teremos "roupa e abrigos próprios" de acordo com a nossa medida e não como até agora, quando os temos muito pequenos ou muito grandes, conforme as circunstâncias.

ESTUDEMOS A PSICOLOGIA DO NOSSO MATERIAL HUMANO

É necessário chegar a conclusões concretas para obter-se uma das bases que permite conhecer o que podemos esperar e exigir dêsse material para estabelecer exigências de acordo com o seu espírito e capacidade.

(1) O Sr. Ten.-Cel. Matias Rodriguez Conde, Professor de Tática e Serviço de Estado-Maior no II Curso da Escola Superior de Guerra, considerou o "centro de gravidade" de sua matéria o "ensinar-nos a pensar". Eu era um dos que não estavam de acordo com esse Sistema; hoje não só reconheço a sua eficácia, como creio ser um dever afirmar o profundo reconhecimento ao amigo. Os oficiais do referido curso, se já não o reconhecem breve apreciarão a dívida de gratidão contraída com o camarada.

(Nota do autor).

Estudemos as campanhas de nossa independência; aí encontraremos o complemento indispensável para edificar uma doutrina argentina. É na nossa história que encontraremos a argamassa do edifício que pretendemos levantar. É a "história argentina" que espera há tempos para nos proporcionar os meios de que necessitamos no estabelecimento de doutrina argentina e de regulamentos argentinos.

O problema apresentado sintéticamente pode ser assim resumido: aprender a pensar, logo refletir, meditar sobre os nossos problemas e recorrer à nossa história; essas bases: saber pensar, refletir e história argentina, são as únicas necessárias para encarar o problema.

Façamo-lo quanto antes.

NECESSIDADE DE ESTAR A NOSSA TÁTICA DE ACÓRDO COM O NOSSO ARMAMENTO E AS NOSSAS POSSIBILIDADES

"Quem escreve sobre Estratégia e sobre Tática deve ater-se em ensinar uma Estratégia e uma Tática nacionais, únicas suscetíveis de serem proveitosas à nação para a qual se escreve."

(Von Der Goltz)

"Se aspiramos ter uma conduta clássica, genuinamente nacional, a doutrina deve insistir indefectivelmente no estudo do próprio ambiente."

(Coronel J. L. Cernados)

Parece não ser necessário tratar desse ponto com profissionais e muito menos, nas conclusões de um trabalho. Porém é a realidade que impõe isso.

Não são poucos os países arrastados pela guerra 1914-1918 que ensinam hoje uma Tática distinta do armamento que possuem.

"Isso não é porém o mais grave", por isso que depois dos primeiros meses de guerra aprenderão o emprégo do que têm, ou talvez antes, já que esse armamento é mais simples.

"A gravidade está na própria Tática"; são esquecidos os "nossos" teatros de operações, os "nossos" armamentos, os "nossos" efetivos, as "nossas" possibilidades e se transporta a frente franco-alemã para reproduzi-la em um teatro de operações sul-americano e aí continuar a Tática da guerra de posição ou outra muito semelhante e "que está longe de ser a nossa".

O ataque às posições fortificadas, as rupturas, as substituições, o emprégo de enormes massas de artilharia ocupam então o primeiro plano e, "em nosso conceito, deveria constituir, ao contrário à exceção".

A Tática que devemos ensinar é a do nosso armamento, especialmente de nossa artilharia, de nossas possibilidades e a da guerra dos campos sul-americanos e não a de 1914-1918.

O maior contraste dessa Tática reside no choque com a "nossa organização". Como nesta levou-se em conta as possibilidades argentinas, não se pode dispor nem da quantidade de peças, nem das toneladas de munição necessárias às rupturas, ataques a posições fortificadas, etc. Recorre-se ao meio simplíssimo: "se não há a munição necessária, não se vai à guerra". Estamos em completo desacordo com esse modo de pensar.

A situação política pode arrastar à guerra e então, será preciso lutar com o que se tiver. Recordemos o que ocorreu na Guerra Boliviana-Paraguai.

Os entusiastas das doutrinas e processos táticos estrangeiros devem refletir sobre essa última guerra e outras não mui remotas para retomar o nosso verdadeiro caminho: o da doutrina e dos processos táticos argentinos, pois, é aqui, e não na Europa, que combateremos.

Dai não se deve concluir que desprezemos a experiência haurida ou paga com o sangue; não, absolutamente, nela há sempre algo de útil, mas nem tudo o é.

Meditem os admiradores de doutrinas estrangeiras nas seguintes palavras com que foram recebidos os oficiais estrangeiros no curso para Coronéis, realizado em abril de 1937 no "Centro de Cooperação das Armas" em Versailles:

"No curso que assistireis, senhores oficiais estrangeiros, tratar-se-á da "Tática francesa", que corresponde às características particulares do terreno em que seguramente terá que se bater o Exército francês, às condições particulares "do seu" provável adversário; ao armamento de que está provido e com que poderemos continuar a prové-lo em caso de guerra; às "nossas" condições particulares de mobilidade e possibilidade de "nossa" indústria automóvel; às possibilidades de nossa indústria de guerra, em geral, ao que nos ensinou a "nossa" última e sangrenta experiência de guerra."

Deliberadamente o general acentuava a sua voz ao pronunciar cada uma das palavras grifadas no parágrafo anterior, querendo assim exprimir que, embora a Tática francesa seja a melhor para o Exército francês, talvez não o seja para os Exércitos de outras nações, que possam encontrar-se em situação diferente da da França, em qualquer dos fatores que foram anteriormente enumerados.

Evidentemente, na adoção de determinada Tática, intervêm "fatores nacionais", que não devem ser afastados, sob pena de cair-se em perigoso esquematismo, que poderá ficar caro no caso real.

É de esperar que o mesmo possamos dizer dentro de curto prazo.

Destacado camarada, o Sr. Coronel J. L. Cernados, ao referir-se a êsses aspectos, em sua recente obra "Estratégia Nacional e política do Estado", disse:

"Doutrina estratégica nacional" — A interpretação de suas leis, em função da potencialidade militar da nação, o objetivo político que se colima, das características do teatro da guerra, da idiosincrasia dos homens que constituem a massa dos combatentes, do inimigo, etc., dá necessariamente origem a "uma maneira" de entender e de aplicar a estratégia ao caso particular de cada país, isto é, gera e desenvolve paulatinamente uma "doutrina estratégica nacional". Desta deriva a espécie de guerra que se deseja fazer, isto é, a que melhor convenha e possa ser levada a cabo para alcançar a finalidade desejada.

"A doutrina de guerra nacional deve conter e garantir a indestrutível existência e continuidade do genuíno pensamento militar argentino; visa, no seu preparo integral, a obtenção de uma só tendência na concepção do problema da defesa nacional, em virtude da uniformidade dos conceitos fundamentais em que se repose, como

ainda pela analogia ou semelhança das aspirações e sentimentos nacionais, justamente interpretados.

"A doutrina de guerra particular anima tódas as fôrças militares e também o povo da nação com um único e intenso espírito nacional, desde que seja inoculada na alma de todos com tempo e seja assimilada em sua essência."

"Uma tal doutrina nacional deverá estar naturalmente apoiada nas fôrças materiais, intelectuais e morais do povo da nação e, por conseguinte, compreenderá, no que respeita à Estratégia, as idéias substanciais do "conceito operativo", de onde, como um fermento de ação, emanem o sôpro espiritual e as grandes diretrizes em que se baseie a doutrina tática sob a forma de normas, preceitos e regulamentos harmônicos, destinados às fôrças armadas permanentes e às a mobilizar. As normas gerais de direção das fôrças (no sentido operativo, como no tático) devem prever o desenrolar decidido das mesmas de tal maneira que afaste a tendência de basear o êxito quase que exclusivamente no número. Nisso reside a principal idéia para os condutores da guerra sul-americana, em que sobrarão campos de manobras e faltam os efetivos."

"As idéias novas, como os gregos, entram a golpes de martelo". É de esperar que por muito insistir sobre um mesmo assunto se alcance a finalidade desejada e inspirada em elevados sentimentos patrióticos.

O QUE SERIA UM REGULAMENTO NACIONAL PARA A DIREÇÃO DAS TROPAS EM CAMPANHA

Se a tática é e será sempre a arte de fazer combater os homens, é necessário que os processos a empregar para obter o melhor resultado estejam de acordo com a idiosincrasia das massas.

Admitamos que as diferentes subcomissões (as encarregadas das prescrições operativas e táticas, experiências estrangeiras possíveis de serem adaptadas, características topográficas dos nossos teatros de operações, psicologia e história) se tenham reunido e firmado as bases concretas para redigir o regulamento.

Todos sabemos que, apesar do esforço e do patriotismo, será o regulamento incompleto, porém isso não importa. A perfeição dos trabalhos dessa natureza vem com o tempo.

No citado regulamento não se deve excluir os ensinamentos derivados de alheias experiências, hauridas à custa do sangue sempre que tenham aplicação em "nossa" guerra, para o que é preciso submetê-las a detido e minucioso estudo.

Anualmente, em vez de efetuar correções nos regulamentos estrangeiros, retificariam os nossos, e a nova geração de militares argentinos disporia de doutrina e tática nitidamente argentinas, essencial e fundamentalmente nacionais. Ela, a nova geração, aperfeiçoaria essa doutrina tática e seria grata aos que as proporcionaram, por coincidirem com o caráter nacional e porque a sua aplicação e compreensão estaria ao alcance de todos.